

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**O PERFIL NO JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE  
NO CONTEXTO DA REPORTAGEM CONTEMPORÂNEA  
2013**

**CAROLINA TORRES MAZZI**

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**O PERFIL NO JORNALISMO LITERÁRIA: UMA ANÁLISE  
NO CONTEXTO DA REPORTAGEM CONTEMPORÂNEA  
2013**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**CAROLINA TORRES MAZZI**

**Orientador: Prof. Nilo Sérgio Silva Gomes**

RIO DE JANEIRO  
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O perfil no jornalismo literário: uma análise no contexto da reportagem contemporânea**, elaborada por Carolina Torres Mazzi.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Nilo Sérgio Silva Gomes  
Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO,  
Brasil.

Prof. Paulo César Castro  
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Márcio Tavares D'Amaral  
Doutor em Letras pela UFRJ  
Professor Emérito, Departamento de Fundamentos, Eco-UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

## FICHA CATALOGRÁFICA

MAZZI, Carolina Torres.

O perfil no jornalismo literário: uma análise no contexto da reportagem contemporânea. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientador: Prof. Nilo Sérgio Silva Gomes

MAZZI, Carolina Torres. **O perfil no jornalismo literário: uma análise no contexto da reportagem contemporânea.** Orientador: Nilo Sérgio Silva Gomes. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho demonstra a importância do gênero do Jornalismo Literário para as mídias jornalísticas, impressas ou online, de notícias diárias. Procura-se ressaltar o que é este gênero, seus principais autores, veículos que contribuíram para a sua disseminação, principalmente a partir da segunda metade do século XX, quando as técnicas jornalísticas começam a dominar a produção de notícias nas grandes mídias. Procura mostrar que, mesmo com o enxugamento das redações, ainda é possível utilizar características do Jornalismo Literário na produção de reportagens diárias. Tento provar que os elementos do Jornalismo Literário estão presentes nas matérias diárias destas mídias, através da utilização de miniperfis e perfis, sendo estes fundamentais para que estas características não se percam. Como estudo de caso, utilizo as matérias da época das eleições, quando a produção de perfis (para conhecimento dos leitores sobre candidatos) é fundamental. O projeto inclui também uma reflexão historiográfica sobre as fases da reportagem jornalística, uma análise sobre a situação atual da profissão e a importância das grandes reportagens com forma de aprendizado para o repórter.

# Índice

1. Introdução .....	1
2. A reportagem jornalística .....	4
2.1 Histórico .....	5
2.2 As técnicas de reportagem .....	8
2.3 A reportagem hoje .....	12
3. O jornalismo literário .....	15
3.1 Revistas de jornalismo literário .....	18
3.2 O new Journalism .....	22
4. O perfil jornalístico .....	27
4.1 Personagem .....	32
4.2 Estudo de caso: eleições .....	33
4.3 Perigos do jornalismo literário .....	35
4.4 Aprendizado para o repórter .....	36
5. Conclusão .....	40

## 1 - Introdução

O Jornalismo Literário vem perdendo espaço dentro das redações dos jornais, online e impressos e, mesmo as revistas semanais, tem cada vez menos se utilizado das características que marcam este gênero. A linguagem destes periódicos, como será detalhado no decorrer do texto, está presa às amarras do *lead*, das seis “perguntas fundamentais” e do texto “cego”, que visa uma objetividade e imparcialidade nunca plenamente alcançáveis.

A linguagem do Jornalismo Literário procura reportar a não ficção a partir de um texto em que as técnicas jornalísticas não sejam regra, mas sim exceção em uma narrativa. A “voz do repórter” não apenas pode, como é instada a aparecer explicitamente, mostrando ao leitor que se trata ali de apenas uma, dentro das perspectivas jornalísticas que se pode tirar de um fato. A apuração, investigação e, notadamente, o olhar subjetivo, são os instrumentos principais dos jornalistas literários e dos repórteres. Através deste viés narrativo, eles conseguem, não raro, contar fatos de forma mais completa, abordando ângulos mais amplos sobre os fatos sem perder a sua conexão com a notícia em si, ainda que sem a pretensão de dominar a verdade.

Minha experiência em redações, atualmente no *Jornal do Brasil*, propiciou-me o constante aprendizado com experientes profissionais da área de jornalismo que corroboram a idéia de que o jornalismo vem passando por uma fase problemática: estamos abandonando não apenas o Jornalismo literário dentro das redações diárias, mas quaisquer características que fujam ao *lead* ou que remetam a uma linguagem com menos pretensão ao objetivismo cego e mais com a história em si, suas dimensões sociais, seus personagens e sua significância social. Como afirma o jornalista espanhol Tomaz Eloy Martinez, “O jornalismo nasceu para contar histórias e parte desse impulso está se perdendo”<sup>1</sup>.

Os repórteres-autores acabam tendo espaço apenas em livros-reportagem, que ficam restritos, devido à baixa tiragem, a um público menor. São reportagens, mesmo que em livros, e poderiam estar expostas aos leitores de jornais.

Apesar deste contexto, procuro ao escrever minhas matérias para o *site* do JB, elementos literários que possam ser colocados dentro das reportagens, ainda que estas estejam presas à narrativa técnica e às limitações do *lead*. Reconheço, contudo, a importância da técnica como fenômeno histórico, que surge em um momento de descontrole ético e moral das

---

<sup>1</sup> [http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1467](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1467)

notícias e competição pelo furo, como explica Nilson Lage ainda no primeiro capítulo desta monografia.

Reconheço, ainda, que as técnicas foram e são importantes para delimitar preconceitos, insuficiências e concepções pessoais que influenciam a percepção do leitor de forma intransigente ou leviana. Porém, o que vemos hoje, é a exacerbação da técnica em detrimento do jornalismo “contador de histórias”, mais humano e social.

Através desta monografia procuro mostrar que, ainda neste contexto, é possível produzir matérias diárias e corriqueiras dentro do jornalismo, sem a perda de elementos fundamentais do Jornalismo Literário nas narrativas. A proposta é mostrar que esta inserção das características literárias dentro das mídias diárias, tanto *online* como impressa, são possíveis, particularmente, através do Perfil Jornalístico.

Mesmo em um mundo dominado por “pílulas de notícias”, que perdem o seu valor conforme o dia acaba e que não se aprofundam nem investigam, o personagem continua instrumento usado nas redações, sendo fundamental na tarefa de informar com profundidade ou até mesmo para criar empatia com os leitores. Sendo assim, é comum nos depararmos com miniperfis (Muniz e Ferrari, 1986) dentro de reportagens muito técnicas.

Estes miniperfis podem conter em grande ou pequena escala características do jornalismo literário. O Perfil Jornalístico, como subgênero do Jornalismo Literário, é uma ferramenta também do jornalismo diário. Ele pode vir a ser um instrumento importante dentro das mídias na recuperação e realocação do Jornalismo Literário nas redações.

No **primeiro capítulo** desta monografia, traço um breve histórico da reportagem jornalística, procurando relacioná-la sempre com as mudanças pelas quais passaram as sociedades na Europa e nos Estados Unidos, através da industrialização e urbanização, fenômenos que influenciaram o jornalismo de maneira indelével. Analiso a evolução temporal passando pelos seus primórdios, no século XVII, até a elaboração das técnicas utilizadas atualmente. Procuro expor as problemáticas de cada “fase” e chego aos dias atuais.

No **segundo capítulo** procuro definir o que é o Jornalismo Literário, sua essência, surgimento, principais publicações e autores. Demonstro ainda como ele foi fundamental dentro da linguagem jornalística até a época atual, em que passou a ser excluído a partir do progressivo desenvolvimento das técnicas hoje consagradas. Também analiso um dos principais movimentos deste gênero, o *New Journalism*, surgido nos Estados Unidos, que se mantêm como um dos principais expoentes do jornalismo literário.

No **último capítulo**, procuro analisar as características do Perfil Jornalístico como subgênero do Jornalismo Literário, seu histórico, importância e principais fundamentos.



Em um breve estudo de caso, procuro mostrar a importância do Perfil através da sua utilização massiva nos anos eleitorais, por exemplo, em que a demanda dos leitores por informações em relação aos seus candidatos aumenta.

Também procuro expor a utilização do miniperfil dentro das matérias corriqueiras, tentando mostrar assim, que é possível se utilizar ainda de características do jornalismo literário dentro das matérias diárias, mesmo em reportagens em que o jornalista não tem tempo ou não consegue se aprofundar na apuração, como faziam os jornalistas literários.

Por fim, procuro também analisar os perigos de um gênero tão “aberto” à opinião e subjetividade do repórter e do veículo que o publica. Estes podem se utilizar desta “abertura” e “parcialidade” para fazer manipulações e interpretações que fujam das percepções reais e abrangentes dos fatos.

## 2 – A reportagem jornalística

A reportagem jornalística, tal qual conhecemos na atualidade, só viria a se formar cerca de dois séculos depois que os primeiros jornais começaram a circular, a partir de 1609<sup>2</sup>. Através dos argumentos explicitados neste capítulo, pretendo mostrar, respeitando os limites de espaço de um trabalho monográfico, que a evolução dos conceitos jornalísticos, das reportagens e do próprio repórter, estão extremamente conectados à revolução industrial, à crescente industrialização nos países europeus, nos Estados Unidos e, mais tarde, no Brasil. O fenômeno também sofre influência da urbanização e criação de grandes cidades, que são consequências também da industrialização das nações supracitadas.

Autores dividem a história do jornalismo em diferentes fases, mas para este trabalho monográfico seguirei a evolução histórica do jornalismo, tal como descrita por Nilson Lage, no livro “A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística”. Embora não nomeie formalmente cada fase deste quadro evolutivo como, por exemplo, faz Ciro Marcondes Filho, no livro “Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos”<sup>3</sup>, o autor elabora as características pelas quais passaram os periódicos desde a sua gênese. Em uma divisão pessoal e informal, pode-se separar a narrativa de Lage em três fases: o período em que o jornalista é considerado um “*publicista*”, mais tarde, com a revolução Industrial e a urbanização das cidades, o jornalismo passa a ter uma função “*educativa e sensacionalista*” e por fim, a fase atual, em que o jornalista é um “*técnico*” e “*testemunha*”. Explicitarei estes conceitos ainda neste capítulo.

No caso específico do Brasil, o jornalismo demorou a se efetivar como ferramenta de informação confiável para a sociedade. Até o início do séc. XIX, a imprensa era proibida no país<sup>4</sup>. Com a chegada da família real, em 1808, o jornalismo finalmente é inaugurado nacionalmente, com a Impressão Régia e o periódico oficial da monarquia, Gazeta do Rio de Janeiro, que havia fincado sua corte no Brasil. Os primeiros jornais que começam a circular ainda estavam atrelados às questões monárquicas ou informações mercadológicas, como o preço de certo alimento no comércio internacional ou a data da chegada das embarcações.

---

<sup>2</sup> “A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística” LAGE, Nilson, 2002: 10.

<sup>3</sup> Divide a evolução temporal do jornalismo em quatro fases, de acordo com características semelhantes: a pré-história, o primeiro, segundo, terceiro e quarto jornalismo.

<sup>4</sup> As colônias portuguesas não podiam produzir nenhum tipo de imprensa. Isto só mudaria quando a família real chegasse ao Brasil e fundasse a “Impressão Régia”.

Apenas na primeira metade do século XX, com a crescente urbanização e industrialização do país, que os jornais começariam a se consolidar e se tornar importantes fontes de informação e poder dentro da sociedade brasileira. A narração, porém, manteve-se atrelada à literatura por mais algumas décadas. Essa imbricação se traduz na produção de textos com uma linguagem mais atrelada à literatura. Grandes literatos brasileiros, como Machado de Assis, trabalharam por muitos anos em jornais<sup>5</sup>.

As inovações técnicas que começaram a surgir, através da elaboração da Pirâmide Invertida, do lead e das seis perguntas, nas universidades dos Estados Unidos, também chegaram, com certo atraso, ao Brasil. Publicações importantes, como a *Última Hora*, exportaram estes conhecimentos técnicos para o país, introduzindo importantes reformas nas redações. Uma destas reformas mais interessantes observadas em nossas terras foi a do *Jornal do Brasil*, entre as décadas de 50 e 60, que influenciou diversas outras publicações nacionalmente. Esta tinha por meta, segundo Alzira Alves de Abreu<sup>6</sup>, transformá-lo como um todo, tornando-o efetivamente uma empresa comercial acompanhando as mudanças porque passavam diversos jornais e revistas brasileiras da época, “em um processo de inovação que fez a imprensa brasileira migrar de um jornalismo de influência francesa, predominantemente opinativo, para um jornalismo empresarial, informativo, voltado para o modelo norte-americano”<sup>7</sup>.

## 2.1 – Histórico

Os conceitos de imparcialidade e objetividade, tão disseminados nas mídias atuais, não eram sequer pensados nos primeiros anos de publicações jornalísticas, nos séculos XVII e XVIII na Europa. Como afirma Nilson Lage, trata-se de uma época em que o jornalista apenas reproduzia fatos de interesses comerciais, com uma “fala parlamentar, a análise erudita e o sermão religioso” (LAGE, 2002:11). Os registros nos jornais lembravam, segundo Lage, “o tom seco dos enunciados informativos conhecidos na época (anais, atas, relatórios)” (LAGE, 2002:10).

---

<sup>5</sup> Machado de Assis foi revisor e colaborava com o jornal *Correio Mercantil*. Em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, passa a fazer parte da redação do jornal *Diário do Rio de Janeiro*. Além desse, escrevia também para a revista *O Espelho* (como crítico teatral, inicialmente), *A Semana Ilustrada* (onde, além do nome, usava o pseudônimo de Dr. Semana) e *Jornal das Famílias* ([http://www.releituras.com/machadodeassis\\_bio.asp](http://www.releituras.com/machadodeassis_bio.asp))

<sup>6</sup> <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/JB>

<sup>7</sup> <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/JB>

Até o século XIX, o mais importante dentro dos jornais eram os “artigos de fundo”. Estes sim opinativos, cuja principal função, afirma Lage, “era de orientar e interpretar” o leitor. O estilo lembrava os grandes pronunciamentos, discursos e proclamações da época. Algumas décadas após o início da circulação dos primeiros jornais, os aristocratas começaram também a promover “a edição de jornais que, de sua parte divulgavam temas caros à aristocracia, dedicando muito espaço, por exemplo, aos casamentos, viagens de príncipes e festas da corte” (LAGE, 2009:10).

Por muitas décadas, o jornalista foi essencialmente um *publicista*, de quem se esperaram orientações e interpretação política. Os jornais publicavam, então, fatos de interesse comercial e político, como chegadas e partidas de navios, tempestades, atos de pirataria, de guerra ou revolução; mas isso era visto como atração secundária, já que o que importava mesmo era o artigo de fundo, geralmente editorial, ou seja, escrito pelo editor – homem que fazia o jornal praticamente sozinho (LAGE, 2009:10)

As primeiras mudanças nas reportagens jornalísticas e na figura do repórter vieram a partir das condições urbanas determinadas pela Revolução Industrial, na Inglaterra. Se antes o público leitor se restringia a uma parcela pequena da sociedade com a industrialização este contingente cresce rapidamente: “A organização do trabalho e a expansão do comércio exigiam grande número de administradores, capatazes e técnicos, necessariamente alfabetizados” (LAGE, 2001: 13).

Sendo assim, o aumento na demanda por informações e leitura cresceu abruptamente. O estilo *publicista*, muito voltado para pequenos meios burgueses, já não satisfazia mais este novo leitor, muitas vezes um operário ou um trabalhador recém-saído dos campos feudais europeus, que vinham de uma “tradição de cultura popular muito mais objetiva” (LAGE, 2002:13)

Além disso, a guerra de opiniões perdia interesse porque não havia, como antes, aristocracia poderosa para se opor ao pensamento burguês e a organização dos operários para a ação política contínua sempre esbarrou em grandes obstáculos – quando não a repressão policial, a recessão econômica (LAGE,2002:13)

Esta nova organização social nas cidades abre espaço para um novo tipo de jornalismo, mais focado nas informações de caráter urbano e universal, mais “verdadeiras e exequíveis” (LAGE, 2001:13). A disputa por este novo e crescente leitor era intensa. Com o aumento nos custos de produção, surgem também os anúncios publicitários, que passam a ser

a principal fonte de renda dos jornais. Sendo assim, aumentar o número de leitores era fundamental para atrair novos anunciantes.

Esta nova fase do jornalismo “pode ser considerada, de um lado, *educador* e, de outro, *sensacionalista*” (LAGE, 2001:14). Do lado educador, segundo Lage, a função do jornal passa a ser de “mostrar” para este novo habitante das cidades uma vida em sociedade, que era “bem mais dinâmica do que antes; tudo mudava rapidamente. O jornal ensinava as pessoas o que ver, o que ler, como se vestir, como se portar – e mais: exibia, como uma vitrina, os bonés e, para escândalo geral, os maus hábitos dos ricos e poderosos” (LAGE, 2001:15)

Entretanto, além da função educativa, o jornalismo da época também traz a sua faceta sensacionalista, como anteriormente citado:

Devia-se atingir o público, envolve-lo para que lesse até o fim e se emocionasse. Precisava-se abordar temas que o empolgassem. O paradigma para isso era a literatura novelesca: o sentimentalismo, para as moças; a aventura, para os jovens; o exótico e o incomum, para toda a gente. A realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-lo (LAGE, 2002:15)

É durante esta “fase” do jornalismo que emerge, verdadeiramente, a reportagem e o repórter. Nesta época, os escritores de jornais descobriram a necessidade de se aproximar de uma escrita mais universal e popular.

Escritores de folhetins e jornalistas obrigaram-se a reformar a modalidade escrita da língua, aproximando-a dos usos orais ou cultivando figuras de estilo espetaculares, ora exagerando no sentimentalismo, ora incorporando a invenção léxica e gramatical das ruas (LAGE, 2001:15)

Descobriu-se também, segundo o mesmo autor, a importância dos títulos chamativos e dos furos, bem como de notícias em primeira mão. Quem conseguisse a informação mais rapidamente angariava mais leitores e, assim, mais publicidade. Em meio a estas novas descobertas, surge a figura dos repórteres, que “passaram a ser bajulados, temidos e odiados” (LAGE, 2002:16).

O auge do sensacionalismo aconteceria na imprensa norte-americana que, nesta época, vivia um surto de desenvolvimento e industrialização fortíssimos desde o final da guerra civil, quando acontece a abolição da escravidão do país, fato que acaba levando imensas massas de imigrantes europeus para o país. Nos anos seguintes à abolição, uma grande leva de negros do

Sul também emigra em direção ao norte, à procura de melhores condições de vida e na fuga do preconceito disseminado pelas leis “*Jim Crow*”<sup>8</sup>.

“A socialização, ali, tornou-se imperiosa. Gente que não falava, ou mal falava inglês, disposta a quase tudo na luta pela sobrevivência, enfrentando condições e situações inteiramente novas” (LAGE, 2001: 17).

Nos Estados Unidos, a indústria dos jornais prosperou como nunca e “levou ao exagero de tudo o que se fazia na Europa” (LAGE, 2001: 17), com a busca pelo furo ainda mais acentuada e a linguagem cada vez mais sensacionalista. Os magnatas Joseph Pulitzer (1847-1911) e William Randolph Hearst (1863-1951) são notórios exemplos das conseqüências desta nova estrutura, sendo acusados das maiores atrocidades na busca pela vitória sobre o seu rival. “A luta pelo furo, pela conquista do leitor a qualquer preço, levou-o (Hearst) a plantar repórteres em toda a parte e conduziu a relações progressivamente menos éticas entre jornalistas e fontes”. (LAGE, 2001: 17)

Hearst é acusado, por exemplo, de promover a guerra com a Espanha pela posse de Cuba apenas para vencer o seu rival na exclusividade da cobertura jornalística dos combates. Neste caso específico, o magnata inclusive fretou e equipou um iate, como reporta Nilson Lage (LAGE, 2001: 17) “A luta pelo furo, pela conquista do leitor a qualquer preço, levou-o (Hearst) a plantar repórteres em toda parte – nas repartições, nos sindicatos, nas empresas – e conduziu a relações progressivamente menos éticas entre jornalistas e fontes” (LAGE, 2001:18)

## 2.2 – As técnicas de reportagem

Em resposta a esta mídia, cada vez mais caótica e sem limites, começam a surgir, nas universidades americanas, cursos superiores de jornalismo que buscavam uma padronização, tanto para apuração, quanto para o processamento de informações, a narração e a exposição do fato noticioso. Era a busca por um “equilíbrio” no jornalismo, cada vez mais “caótico”.

Estabeleceu-se que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima da realidade (a lei das três fontes: se três pessoas que não se conhecem nem

---

<sup>8</sup> As leis denominadas “Jim Crow Laws” promoveram a segregação racial no Sul dos Estados Unidos após a abolição da escravidão. Através de uma legislação baseada no princípio de “*separate, but equal*” (separados, porém iguais), na prática, no entanto, as leis discriminavam os negros em guetos, trabalhos subalternos e exploração. A segregação foi uma das principais responsáveis pelo movimento batizado “*The Great Migration*” (A Grande Migração), que levou cerca de 6 milhões de negros sulistas para o norte.

trocaram impressões contam a mesma versão de um fato que presenciaram, essa versão pode ser tomada como verdadeira); que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações; e que seria necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo” (LAGE, 2002:18)

Através destas mudanças, o jornalismo começou a adquirir o formato utilizado até hoje nas redações da maioria dos jornais no mundo inteiro: “A técnica moderna de redação jornalística sobreviveu mesmo a mudanças nos processos de trabalho implantados, com ela, no início do século XX” (LAGE, 2002:20).

A notícia, como explica, ganha a forma moderna, em que o relato oral, que antes se baseava na sequência temporal dos fatos, agora passa a valorizar o aspecto mais importante, o fato noticioso mais importante daquela notícia, o chamado *Lead*. “Esta informação principal deve ser a primeira, na forma de lead – proposição completa, isto é, com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento” (LAGE, 2001:18)

As circunstâncias mencionadas por Lage acabam dando origem às famosas seis perguntas que compõem as informações principais do *Lead*, ensinadas até hoje nos principais cursos de jornalismo: O que? Quem? Quando? Onde? Porque? e Como?. Estas passam a ser os questionamentos fundamentais no momento de se organizar um fato noticioso. “A notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento” (LAGE, 2001:18).

Este novo formato acaba transformando também o ambiente em que se produz a notícia e a função de cada jornalista dentro da redação.

Imaginava-se então uma segmentação de funções, como numa linha de montagem – a transferência para a redação do modelo produtivo do taylorismo, baseado no princípio de que quem cumpre só uma pequena tarefa é capaz de cumpri-la com a máxima eficiência. Imaginou-se, por algum tempo, que os repórteres deveriam apurar, os redatores redigir, os redatores de *copy-desk* confrontar e corrigir, os diagramadores montar as páginas e os editores comandar isso tudo (LAGE, 2002:20)

Estas mudanças pelas quais passa o jornalismo demonstra também uma de suas características fundamentais: a relação de proximidade com os fenômenos industriais e urbanos que passaram as sociedades ocidentais a partir da Revolução Industrial. Neste caso específico narrado por Lage, sua similaridade com o processo de produção mais difundido na época em questão. Mais tarde, com a chegada do computador e de novas tecnologias, muitas destas posições acabariam por desaparecer das redações, o que aumentaria as funções do

repórter. Ainda assim, a relação com a indústria se faria presente, através de suas semelhanças com outra forma de produção, disseminada: o toiotismo<sup>9</sup>.

Hoje, com os computadores, a responsabilidade do repórter cresce e se diversifica: ele não apenas deve apurar bem, mas formular seu texto como o melhor do redatores e participar das tarefas da edição: é inevitável comparar essa atividade múltipla com o modelo toiotista, que chegou à indústria ocidental, com a voga dos produtos asiáticos, na década de 1970 (LAGE, 2002:20)

Foi através destas que a ética jornalística foi, em muitos aspectos, elaborada e conceitos como o equilíbrio de visões, com o maior número de testemunhas ouvidas, e a regulação da atividade procuraram evitar abusos na competição e garantir uma honestidade maior com os seus leitores. “Deflagrou-se uma campanha permanente contra a linguagem retórica e destacou-se a importância da ética como fato de regulação da linguagem jornalística” (LAGE, 2001:19).

Porém, como ressalta, este aperfeiçoamento técnico não conseguiu, nem poderia conseguir, um equilíbrio de visões dentro da sociedade americana (ou qualquer outra que adotasse as técnicas criadas nos Estados Unidos).

Não impediu, por exemplo, que a luta operária fosse sistematicamente associada ao banditismo, que se formassem preconceitos brutais contra descendentes de alguns povos (os negros, principalmente, depois os judeus, árabes, italianos e irlandeses, e, finalmente, os latino americanos); que se implantasse o mais desvairado consumismo; que, tornado sede de um novo império, o país (Estados Unidos) reproduzisse e até ampliasse, nas suas ações internacionais, as piores práticas do imperialismo inglês (LAGE, 2001:19)

Claramente nota-se que estas técnicas jornalísticas persistem nos grandes jornais e se expandiram em quase todo o globo, influenciando o jornalismo de diversos países, como o brasileiro, como afirma Nilson Lage.

O conjunto de técnicas surgido na América terminou sendo o mais adequado para a situação gerada na sociedade industrial madura. Os procedimentos desenvolvidos ali difundiram-se rapidamente por todos os países industrializados, com adaptações às culturas locais. Mesmo os críticos mais

---

<sup>9</sup> Modo de organização da produção capitalista originário do Japão caracterizado pelo processo *just in time*, criado por Taiichi Ohno. Surgiu nas fábricas da montadora de automóvel Toyota, após a Segunda Guerra Mundial e tinha como elemento principal a flexibilização da produção. Ao contrário do modelo fordista, que produzia muito e estocava essa produção, no toiotismo só se produzia o necessário, reduzindo ao máximo os estoques. Essa flexibilização tinha como objetivo a produção de um bem exatamente no momento em que ele fosse demandado, no chamado *Just in Time*. Dessa forma, ao trabalhar com pequenos lotes, pretende-se que a qualidade dos produtos seja a máxima possível. Essa é outra característica do modelo japonês: a Qualidade Total.



veementes...terminaram adotando as normas básicas da escola americana para a produção de notícias e reportagens jornalísticas (LAGE, 2002:20)

Nas décadas seguintes, as técnicas jornalísticas foram levadas ao extremo. A partir do momento em que as visões de testemunhas passam a ser o parâmetro para determinação do que é a verdade a ser reportada, a voz do repórter, até então muito presente nas matérias, passa a ser silenciada. O jornalismo, em busca de uma visão imparcial e objetiva, condicionou-se a dizer “a verdade” e, esta verdade, viria apenas através de relatos e posições de especialistas ou testemunhas do fato.

Estas formalizações extremas das técnicas jornalísticas levantaram muitas críticas e são questões controversas que geram debate na academia até hoje. É possível separar a experiência do repórter, seus preconceitos, visões e historicidade na percepção da realidade? Sérgio Vilas-Boas reclama da voz inativa do repórter nas reportagens atuais. “É impossível que as experiências pessoais de um repórter não se confundam com a temática que estiver trabalhando. “A pretensão à objetividade é uma fixação (ou seria um falso problema) difícil de erradicar no cotidiano do jornalismo convencional” (BOAS, 2003:13).

Através da oposição a esta nova técnica, surgem jornalistas e veículos de comunicação que promovem uma notícia mais autoral, retomando a influência da linguagem literária dentro das redações, o que mais tarde seria classificado como o “Jornalismo Literário”.

Dentro do jornalismo literário, que esteve presente paralelamente a este movimento, teve como principais representantes grandes nomes do jornalismo americano, como Gay Talese, Truman Capote, Hunter Thompson e Tom Wolfe. Juntos, eles inauguraram ou deram continuidade ao *New Journalism*, movimento que trouxe de volta as longas reportagens, cuja voz, sensibilidade e percepção do repórter seriam imprescindíveis para a informação. Detalharei este movimento, e os conceitos do Jornalismo Literário no próximo capítulo.

### 2.3 – A reportagem hoje

As reformas que marcaram o jornalismo nas últimas décadas levaram a uma divisão de trabalho seguindo os moldes industriais. Com o advento de tecnologias recentes, como o computador e, principalmente, a chegada da internet, o trabalho jornalístico e as redações começam a sofrer novas mudanças. Algumas funções, como de *copy desk*<sup>10</sup> já não são mais

---

<sup>10</sup> *Copydesk*, ou copidesque, é o profissional contratado nas redações para fazer a revisão de textos, no aspecto ortográfico, gramatical e também na apuração de notícias, revisando dados, datas, fontes e outras referências que estivessem na notícia.

necessárias. Com a formalização das técnicas jornalísticas, a produção destas notícias se torna mais fácil. Com o tempo, esta “facilidade” sobrecarregará os repórteres, que agora, com a ajuda da pesquisa pela internet, podem produzir mais – apurando de maneira mais rápida - e, com isso, acumular novas funções.

O esvaziamento das redações se expande já que com o aumento de funções de um único jornalista, algumas posições deixam de existir ao mesmo tempo em que o número de repórteres também cai, já que cada um passa a produzir – em quantidade, mas não necessariamente em qualidade – aquilo que dois ou três jornalistas fariam nos anos anteriores. Em 2010, por exemplo, o Jornal do Brasil, enfrentando uma forte crise financeira, acaba com a sua versão impressa, se tornando um veículo de informação exclusivamente *online*, depois de 119 anos de publicação impressa. Atualmente, apenas 20 jornalistas fazem a atualização do *site* que tem sete editorias, que abrangem os temas mais diversos<sup>11</sup>. O *Jornal da Tarde*, de São Paulo, também fechou suas portas definitivamente em 2012. Este último já tinha 46 anos de história no jornalismo nacional.

A velocidade com que as informações percorrem a internet acabou por diminuir a sensação de importância e a necessidade de se ler o jornal impresso em busca do furo ou ineditismo da informação, que já não pode mais competir em velocidade com as notícias lançadas imediatamente nas grandes redes. Com o surgimento das redes sociais, em que há grande compartilhamento de informações entre usuários, a distância do fato para o noticiário diminui ainda mais.

Ana Beatriz Magno, em sua dissertação de mestrado, estabelece uma diferenciação entre a reportagem e a notícia, sendo a primeira ligada ao Jornalismo Literário, em que os conceitos de aprofundamento, apuração e as temáticas mais voltadas para o social são fundamentais. A notícia, em contraste, seria aquela mais rápida, altamente influenciada pela linguagem da internet e focada apenas em política. A autora defende que a reportagem está “agonizando” dentro das redações brasileiras, enquanto as notícias acabam colonizando todo o espaço, fazendo um detrimento de um jornalismo social para um mero “fiscalizador da política”<sup>12</sup>.

Os veículos semanais atuais estão também delimitados pelos constantes cortes de gastos e pelos espaços voltados para a publicidade. Com o advento da internet, a rapidez,

---

<sup>11</sup> As editorias são: País, rio, internacional, cultura, esporte, ciência e economia

<sup>12</sup> O fiscalizador da política, segundo Magno, é o jornalista preocupado apenas em descobrir e analisar fatos e escândalos de políticos brasileiros e pessoas do sistema público dentro do Judiciário, Legislativo e Executivo. Para ela, este fiscalizador ganha cada vez mais espaço na mídia, e assim, o jornalista perde um pouco da sua capacidade de “contar histórias” para apenas fiscalizar, que também é uma de suas funções, porém, não a única. [http://bdtb.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1467](http://bdtb.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1467)

fluidez e superficialidade do conteúdo, dominado pelas redes sociais e por um novo perfil de leitor (uma geração já acostumada com esta velocidade), se expandiu, retraindo os espaços impressos e até mesmo *online* para a publicação de grandes reportagens.

Ao comparar as reportagens vencedoras do Prêmio Esso<sup>13</sup> de 1956 até 2005, Magno constata a mudança no estilo de jornalismo nacional, que passa a priorizar reportagens mais curtas e políticas do que as narrativas com temáticas sócias.

A reportagem brasileira está experimentando um profundo processo de mutação de seus fundamentos, desde a pauta até a publicação, passando pelo apuração e pelo estilo do texto. A última reportagem social que venceu o Esso foi em 1989 e tratava do assassinato de Chico Mendes. Desde então, com quatro exceções, um único tema é premiado na categoria principal: corrupção política no Legislativo, Executivo e Judiciário e concentrada em São Paulo, Rio e Brasília. Os textos obedecem sempre a mesma fórmula: objetividade, poucos adjetivos, muito off e forte documentação comprobatória. É uma leitura sem viagem, um passaporte para o desencanto num mundo sem heróis e comandado por bandidos (MAGNO, 2003: 16)

A autora exemplifica ainda como as principais características do Jornalismo Literário tem se perdido com esta nova forma de se fazer jornalismo. “Está evidente a existência de uma franca concentração na abordagem política em detrimento das grandes matérias com temáticas sociais e produzidas a partir de longas viagens, orçamentos generosos e textos extensos” (BOAS, 2003:16)

O texto enriquecido com recursos literários perdeu importância no jornalismo tradicional: houve uma redução brutal dos quadros de jornalistas nas redações; os orçamentos para a produção de matérias especiais estão praticamente fora das previsões das empresas; e, claro, falta de tempo para investigar, de espaço para aprofundar e de mentores para incentivar (BOAS, 2003:28).

Há ainda uma tendência, segundo o mesmo autor, de as direções dos jornais e das revistas brasileiras acreditarem que seus assinantes não têm tempo e não gostam de ler. “Por esse raciocínio paradoxal, reportagens um pouco mais detalhadas e humanizadas seriam geradoras de antipatias. Contradição das contradições. É um claro preconceito” (BOAS, 2003:28).

Magno, em sua conclusão, prevê um fim quase iminente do jornalismo de viés mais literário dentro das redações. “O funeral da reportagem social é também o funeral da

---

<sup>13</sup> O Prêmio Esso é considerado o maior prêmio do jornalismo brasileiro, dando reconhecimento a reportagens em diversas categorias.

narrativa. Uma morte lenta, um calvário com coveiros que seguem enterrando, um a um, os fundamentos do mais fascinante dos gêneros jornalísticos”.

### 3 - O Jornalismo Literário

O jornalismo literário tem como principal característica as desamarras em relação à lógica técnica de se fazer notícias, que começa a aparecer nas redações dos grandes jornais com a chegada das técnicas do *lead*, como já visto anteriormente. Pela classificação de Marcondes Filho (2008), a influência da literatura na imprensa está mais presente no que ele denomina como “primeiro e segundo” jornalismo, que ocorrem nos séculos XVIII e XIX. Neste período, escritores de prestígio<sup>14</sup> trabalham em jornais, determinando, muitas vezes, a linguagem e o conteúdo destes periódicos.

Como mostra Felipe Pena nesta mesma época, um dos instrumentos que promoveriam esta junção foi o Folhetim, muito popular no Brasil. “Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição dos preços, o que aumentava o número de leitores” (PENA, 2006:5).

Sendo assim, fica evidente que a influência da literatura dentro dos jornais se faz presente há alguns séculos. Até mesmo durante o desenvolvimento das técnicas jornalísticas, que determinaram padrões objetivistas para a produção da notícia, a influência da literatura se faz presente e acaba se tornando ainda mais evidente como oposição às formatações promovidas e utilizadas modernamente nas redações jornalísticas. Como veremos, a sua separação do jornalismo diário, técnico, acaba por criar um outro gênero específico, que mais tarde seria denominado: Jornalismo Literário.

“O Jornalismo Literário foge das fórmulas rígidas de estruturação. Suas referências narrativas (procedimento e técnica) vêm da literatura” (VILAS-BOAS, 2009:10). As principais características para identificar o jornalismo literário, salientadas por seus estudiosos, tornaram-se relevantes para o entendimento deste tipo de linguagem. O jornalista Felipe Pena assim exemplifica as características que fazem parte desta linguagem literária:

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008)

O autor também define o Jornalismo Literário em outra perspectiva:

---

<sup>14</sup> Nelson Rodrigues, por exemplo, trabalhou no Jornal do Brasil, no Globo, entre outros. Gustave Flaubert, na França, também publicou Folhetins.

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes (jornalismo e literatura), transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia (PENA, 2006)

Já um pouco antes da segunda metade do século XX, os movimentos em oposição ao tecnicismo jornalístico começam a ganhar força em diversos veículos nos Estados Unidos. Dentre eles, estão as revistas *Esquire*, *Vanity Fair*, *Harper's*, *Atlantic*. A expoente principal neste gênero permanece sendo a publicação *The New Yorker* que até os dias atuais mantém a sua verve literária, publicando inclusive histórias de ficção, ilustrações, poemas, charges e quadrinhos. A sua linguagem noticiosa não se prende às perguntas do lead. Elas percorrem um caminho que não procura achar um aspecto principal a ser destacado. A presença e a percepção dos repórteres são fundamentais para o entendimento das matérias e estão ligadas à identidade da revista. Uma das características que a diferencia de outras publicações atuais é o tamanho das reportagens. Algumas passam das 40 páginas. Em uma reportagem sobre grupos musicais coreanos, publicada no dia 8 de outubro de 2012, o jornalista John Seabrook, mostra bem o tipo de linguagem jornalística predominante nas matérias.

Eram cinco da tarde de um domingo de Maio, duas horas antes do show, mas milhares de fãs da K-pop já haviam lotado o concreto de fora do Honda Center, uma imensa arena em Anaheim, Califórnia... do meu lado estava John Toth, um jovem branco de 29 anos, um técnico em computação que havia dirigido doze horas direto do estado de New Mexico. Toth é fã da banda Girl's Generation, um grupo de nove meninas que estão em processo de gravação de um álbum de estreia nos Estados Unidos (Tradução Livre)<sup>15</sup>

Diversos jornalistas e veículos acabaram por se especializar neste gênero jornalístico, conforme as técnicas se inserem e dominam cada vez mais as grandes redações e os veículos diários. O *New Journalism*, que veremos logo adiante, foi um destes movimentos de oposição, que revelou grandes nomes do jornalismo, como Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer, dentro outros. O Jornalismo Literário, embora tenha sido praticamente abandonado nas grandes redações, continua a influenciar jornalistas até hoje, em todo o mundo. Muitas

---

<sup>15</sup> It was five o'clock on a Sunday in May, two hours before showtime, but already thousands of K-pop fans had flooded the concrete playa outside the Honda Center, a large arena in Anaheim, California... Standing beside me was Jon Toth, a twenty-nine-year-old White guy, a computer scientist who had driven twelve hours straight from New Mexico. Toth is a fan of Girl's Generation, a nine-member girl group in the process of recording its American debut album (Seabrook, John. *Factory Girls*. *The New Yorker*, pág 88)

vezes, delimitados pelos poucos espaços jornalísticos fornecidos no mercado, estes profissionais acabam por tornar publicar livros com suas reportagens, os chamados “livros-reportagens”, que costumam ser bem vistos pela editora, já que tem boa vendagem.

Um dos casos de Jornalismo Literário mais emblemáticos da atualidade é o repórter polonês Ryszard Kapuscinski (1932-2007), correspondente da agência de notícias oficial da Polônia por 40 anos, tendo trabalhado em guerras, conflitos na África, América Latina e Ásia. O autor mistura suas perspectivas, sensações e percepções em meio aos fatos, muitas vezes em momentos intensos, como em meio a guerras e situações de risco, que narra em primeira pessoa, ignorando muitas vezes os conceitos de objetividade. A sua notícia, bastante subjetiva, não é por isso menos informativa. Ao contrário, ela consegue, com primazia, não apenas recontar os fatos, mas também as emoções, problemas e características de outras culturas.

Em uma passagem do livro *A guerra do futebol* (1992), ele narra o encontro com um de seus amigos em um hotel em Acra, capital de Gana.

“Uncle Wally bebe porque faz bem aos seus pulmões. Ele tem tuberculose. Ele é magro, e cada respirada é difícil, com um forte chiado. Ele puxa um assento na varanda e pede, “Papa, mais um!”. Papa vai ao bar e o leva uma garrafa. As mãos de Uncle Wally tremem. Ele coloca um pouco de whisky no copo com água gelada. Ele engole o drink e começa a fazer outro. Lágrimas vem aos seus olhos” (KAPUSCINSKI, 1992:12)

Outro exemplo de jornalista literário, fora dos Estados Unidos, que acabou por se tornar um autor de livros-reportagem foi Emmanuel Carrère que, aos moldes de Truman Capote (que escreveu um livro-reportagem emblemático sobre um crime, como veremos mais adiante), narrou a história de outro assassinato hediondo em Paris: um pai que mata a esposa e filhos. Por trás das mortes, está um homem que passa a vida inteira escondido em mentiras complexas, que foi aumentando e criando ao redor da vida.

“Quando se chegou ao ponto que falava da autópsia de sua filha e dos netos, a mão crispada que torcia diante da boca um lenço transformado em uma bola começou a tremer ligeiramente. Estiquei o braço e consegui tocar-lhe o ombro, mas um abismo me separava dela, e não era apenas a intensidade de seu sofrimento. Não fora para ela e sua família que eu tinha escrito, mas para aquele que lhes destruíra as vidas, para ele é que eu achava que tinha que dirigir minhas considerações, porque, desejando contar esta história, eu a considerava a história *dele*. Com seu advogado é que eu almoçava. Eu estava do outro lado. Ele permanecia prosternado. No fim da manhã, apenas, arriscou olhares pela sala e para a bancada de imprensa. A armação de seus óculos brilhada por trás do vidro que o separava de todos nós. Quando seus olhos,

afinal, cruzaram com os meus, nós ambos nos abaixamos” (CARRÈRE, 2007:40-41)

Percebe-se características similares na linguagem dos autores, como a utilização da primeira pessoa e a descrição de objetos e sensações, totalmente descompromissadas com a narratividade técnica, objetiva e imparcial.

### 3.1 – Revistas de jornalismo literário

Além da já mencionada revista *The New Yorker*, fundada em 1925 e que continua como uma das mais respeitadas publicações do Jornalismo Literário se dedicando até hoje as grandes reportagens, outras publicações também foram voz ativa dentro do Jornalismo Literário, publicando autores e reportagens do *New Journalism*, principalmente a partir do pós-guerra. No Brasil, o *Cruzeiro* e a revista *Realidade*, esta última que me detalharei mais adiante, também foram importante veículos, que em seu auge prezavam pelas “grandes reportagens”.

Todas estas publicações também ficaram famosas pela dedicação em fazer perfis. Seja de grandes personalidades, ou mesmo de cidadãos comuns, nomes consagrados do jornalismo literário tiveram suas primeiras publicações divulgadas por estas revistas. É o caso dos já mencionados perfis de Brando, por Truman Capote, mas também de Gay Talese, que escreveu a biografia de Frank Sinatra, dentre outras. Como destaca Villas-Boas, este último apresenta todos os elementos de uma reportagem literária.

“A riqueza da descrição do contexto (a fase que Sinatra atravessa) e do sentido que aquele resfriado tende a adquirir”. E continua, afirmando, que as “construções (*de Talese*) são eminentemente interpretativas”.

Voltemos agora para o contexto de nosso país. No Brasil, o jornalismo literário também ganhou força, principalmente na década de 60, na época áurea da revista *Realidade*, considerada por muitos pesquisadores como o berço do jornalismo literário no Brasil. Os jornalistas José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro, no livro *Realidade Re-vista*, ressaltam a importância da revista para o cenário político brasileiro e o jornalismo nacional:

Muito do comportamento atual, como liberdade para namorar ou ‘ficar’, o desprezo pelo tabu da virgindade, a igualdade de direitos da mulher, a possibilidade de casar, descasar, casar de novo – começou a despontar como mudança de comportamento no período de 1966- 1968... A criatividade na pauta e na finalização mostrava uma revista contestadora e irreverente, mas



que nunca foi irreverente, mas que nunca foi confronto (Ribeiro apud PENA artigo “Para Compreender o Jornalismo Literário” 2009: 2).

“As reportagens longas e o texto cuidadosamente escrito fizeram da revista *Realidade* um marco na história da imprensa brasileira e revelam o interesse da revista em dialogar com um público capaz de compreender e repercutir tal expressão de um jornalismo inovador”, aponta Letícia Nunes de Moraes no livro *Leituras da revista Realidade: 1966-1968* (2007).

Sérgio Vilas-Boas relembra que nas redações da publicação havia uma entrega e incentivo á imersão completa na apuração das matérias, sem que se houvesse a preocupação de silenciar a voz do repórter, que as reportagens ficassem muito longas ou demorassem a serem feitas.

Havia uma imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensíveis; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate” (MORAES, 2007:6)

Os repórteres eram estimulados a conduzir diálogos verdadeiramente interativos a fim de humanizar ao máximo a matéria. Podiam mesclar informações sobre cotidiano, projetos e obras do sujeito; e opiniões deste sobre temas contemporâneos como sexo, família, drogas, dinheiro e política. Ideias e empatias coexistiam em nome de um retrato o mais nítido e literário possível da *persona* (MORAES, 2007:6)

Os repórteres podiam passar dias inteiros com a pessoa sobre a qual estavam escrevendo, semanas em alguns casos. Era primordial estar no **ligar** onde ocorriam cenas dramáticas para captar conversas, gestos, expressões faciais, detalhes do ambiente etc.; revelar os bastidores da matéria tanto quanto as impressões pessoais do autor sobre o personagem; usar o foco narrativo em primeira pessoas, diálogos, descrições minuciosas, reconstituições de época, etc. (MORAES, 2007:10 -11).

José Hamilton Ribeiro, o jornalista mais premiado do Brasil e considerado, no país, o “Repórter do século”, fez parte da equipe da revista *Realidade* no seu auge (1966-1968). Como afirma, o jornalismo praticado na revista *Realidade* era diferenciado, trazendo em seu interior assuntos aprofundados e bem trabalhados, com uma narrativa muitas vezes, literária.

Passava por esse exercício de edição de texto que era muito interessante porque a edição do texto que se fazia era transformar o texto numa leitura agradável, numa leitura de qualidade literária. Então, o que é qualidade literária? Aquela coisa que você lê com prazer de ler. Então um dos objetivos da edição de texto era fazer reportagens que provocassem prazer na sua leitura. Ora, provocar prazer. A primeira coisa que tem que ter é a reportagem não ter erros técnicos. Ela não pode estar falando de medicina e de repente confundir anastomose com uma anamnésia (RIBEIRO, 2011).

Uma das reportagens mais emblemáticas do jornalismo literário brasileiro e de Ribeiro foram as reportagens que fez para a *Realidade* sobre a guerra do Vietnã. A primeira, intitulada já em primeira pessoa, “*Eu estive na guerra*”, não deixa dúvidas da linguagem da reportagem: literária. Toda a narração, que começa quando chega ao aeroporto de Saigon, concentra-se no episódio em que perdeu uma parte da perna ao pisar em uma mina. A segunda reportagem de Ribeiro, intitulada “*Guerra é assim*”, segue nos mesmos moldes do padrão de Jornalismo Literário.

Observando a movimentação de todos em direção aos feridos, por um momento me passou pela cabeça a certeza de que o terreno entre a minha posição e dos feridos, já tão fartamente pisada, não podia ter mais mina nenhuma. A cinco metros do local, vejo uma bota com um pé dentro, minando sangue. Penso sem querer pensar: - Isso que é pé frio (RIBEIRO, 2006:179).

Ouçó uma explosão fantástica. É um tuimm interminável que me atravessa os ouvidos de um lado para o outro, dá-me a sensação de grandiosidade. Sinto-me no ar, voando, mas, ainda sim, com uma certa tranquilidade para pensar: - A guerra é de fato emocionante. Agora entendo como há gente que possa gostar de guerra” (RIBEIRO, 2006:179)

Com o fim da revista *Realidade*, o Brasil ficou por muitos anos sem qualquer outra publicação dedicada ao Jornalismo Literário. Em Outubro de 2006, chega ao mercado a revista *Piauí*, idealizada pelo documentarista João Moreira Salles. Apesar de não declarar a escolha pelo tema literário publicamente, a narrativa empregada nas reportagens da revista, com alto teor subjetivo, voz ativa do repórter e a linguagem menos atrelada às técnicas jornalísticas, não deixam dúvidas em relação ao gênero jornalístico escolhido.

Piauí será uma revista para quem gosta de ler. [...] piauí partirá sempre da vida concreta, da experiência vivida, do testemunho, da narrativa – e não do Google. Ela buscará temas atuais, embora não tenha pressa em chegar primeiro às últimas notícias. usará um vocabulário com mais de cem palavras. [...] Só não valem reportagens sobre dietas e reforma da Previdência que ninguém agüenta mais. [...] A revista não será ranzinza, nem chata. Sisudez não é sinônimo de seriedade. [...] A revista terá como matéria-prima a bagunça brasileira e, como pano de fundo, um período histórico de perplexidade geral<sup>16</sup>

A carta de intenções da revista já demonstra uma vontade de rompimento com a linguagem tradicional do jornalismo praticado nas revistas e jornais do país. Com um formato físico diferenciado (35 cm x 26 cm, semelhante ao jornal tabloide), a publicação, mensal se

<sup>16</sup> <http://anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/148/158>

destaca no mercado. Algumas características de sua escolha gráfica demonstram uma influência clara da já mencionada *The New Yorker*.

Além das reportagens no formato do Jornalismo Literário, outra característica que aproxima a Piauí da *The New Yorker* é a presença de histórias em quadrinhos nas mesmas páginas das reportagens, sem que o assunto de uma tenha qualquer relação com o de outra. As duas publicações também usam ilustrações em sua capa, sem que o desenho tenha qualquer relação com o conteúdo dentro da revista. Porém, a publicação costuma escolher desenhos de artistas de renome e traços mais clássicos, enquanto a Piauí faz constantes referências à cultura pop<sup>17</sup> em suas capas.

Uma das expoentes jornalistas da publicação brasileira é Daniela Pinheiro, responsável por escrever um dos perfis mais repercutidos no País, o do ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu, cassado em 2005 e acusado de ser mandante do esquema de corrupção, apelidado de *Mensalão*<sup>18</sup>. Recontando episódios, conversas e momentos que presenciou com o político, Pinheiro traça um perfil completo e detalhado de Dirceu, aos moldes das revistas norte-americanas e do Jornalismo Literário.

José Dirceu de Oliveira e Silva escolheu uma mesa no fundo do restaurante de um hotel caro e discreto, localizado entre os bairros do Ibirapuera e da Vila Mariana, onde se hospeda quando está em São Paulo. Era o começo da tarde de um sábado de novembro e ele vestia uma calça escura, camisa polo com o decote forrado por um estampado Burberry e mocassins sem meias. Chegou atrasado, se desculpou e disse que desembarcara de viagem na madrugada, acordara quase em cima da hora e, quando ia sair do quarto, recebera telefonemas urgentes (WERNECK 2009).

### 3.2 – O *New Journalism*

Um dos movimentos mais importantes dentro do Jornalismo Literário é o *New Journalism*, inaugurado oficialmente com a publicação no dia 9 de novembro de 1957 na revista *The New Yorker*, do perfil do ator Marlon Brando redigida pelo jornalista Truman Capote<sup>19</sup>. Para fazer o perfil, Capote conviveu exaustivamente com Brando durante as filmagens do filme *Sayonara*, no Japão. Na reportagem, intitulada “*The Duke in his domain*”

<sup>17</sup> "Trata-se de um tipo de arte que tenta reproduzir ícones dos meios de comunicação, em uma época que coincide com o auge do cinema e da televisão e com a explosão de certas bandas e artistas, como os Beatles", segundo o professor Martin C  zar Feij  , professor do Programa de P  s-Gradua  o em Educa  o, Arte e H  st  ria da Cultura, da Universidade Mackenzie.

<sup>18</sup> Esc  ndalo de corrup  o envolvendo diversos parlamentares e, que seria orquestrado por leadran  as do Partido dos Trabalhadores (PT) durante o primeiro mandato do Governo de Luis In  cio Lula da Silva (2003 -2007). O esquema consistiria em pagamento mensal de propina para aprova  o de projetos de lei do governo.

<sup>19</sup> Capote se tornou um importante escritor nos Estados Unidos, sempre publicando livros n  o ficcionais.

(O Duque em seu domínio), ele relata gestos, mudanças de humor, roupas e percepções subjetivas do seu personagem. A “voz do repórter”, narrada inclusive em primeira pessoa, está presente durante toda a matéria. E grande parte da riqueza do perfil está exatamente nas percepções do repórter.

Na verdade, Brando havia evidentemente trabalhado em sua história no momento da minha chegada. Quando entrei na sala, um homem de suave aparência, ainda jovem, a quem chamarei de Murray, e que já havia sido apontado para mim como "o sujeito que está ajudando Marlon com sua escrita", agachou, desastrado, e pegou na esteira o manuscrito de "A explosão da Vermilion."

Pesando algumas páginas em sua mão, ele disse: "Diga você, Mar, suponha que eu leve isto ao meu quarto, e talvez nós estaremos juntos novamente, digamos, em torno de 10:30?"

Brando fez uma careta, como se insensível à idéia de retomar seus esforços no final da tarde. Tendo estado um pouco doente, como eu descobri mais tarde, ele passou o dia em seu quarto, e agora parecia impaciente. "O que é isso"?, ele perguntou, apontando para um par de pacotes entre os restos literários sobre a mesa".<sup>20 21</sup>

Informações as quais, em uma reportagem não parecem, aparentemente, estritamente necessárias, como reproduzir a pergunta de Brando sobre o que seriam pacotes que estavam no meio de livro na mesa tornam a narrativa não apenas mais atraente como também ainda mais informativa. Neste caso, o fato a ser noticiado é o perfil de Brando, suas características, personalidade e temperamento. Detalhes sobre o local onde estava, pessoas que o acompanhavam e suas reações e mudanças de humor tornam a reportagem mais completa. A subjetividade de Capote na descrição e o aprofundamento nos detalhes contribuem para uma aproximação entre o ator e o leitor.

O *New Journalism* foi uma resposta às crescentes reformas jornalísticas que chegavam as redações, através de técnicas recém-criadas como o *lead* e as seis perguntas fundamentais, já expostas nesta monografia. Como dito anteriormente, estes novos formatos procuravam padronizar e formalizar conceitos para as notícias, que viviam momento caótico nos Estados Unidos, em que a competição entre grandes magnatas da mídia acabava por criar reportagens e apurações eticamente duvidosas.

<sup>20</sup> In fact, Brando had evidently been working on his story at the moment of my arrival. As I entered the room, a subdued-looking, youngish man, whom I shall call Murray, and who had previously been pointed out to me as "the fellow that's helping Marlon with his writing," was squatted on the matting fumbling through the manuscript of "A Burst of Vermilion." Weighing some pages on his hand, he said, "Tell ya, Mar, s'pose I go over this down in my room, and maybe we'll get together again—say, around ten-thirty?"

Brando scowled, as though unsympathetic to the idea of resuming their endeavors later in the evening. Having been slightly ill, as I learned later, he had spent the day in his room, and now seemed restive. "What's this?" he asked, pointing to a couple of oblong packages among the literary remains on the lacquer table.

<sup>21</sup> [http://www.newyorker.com/archive/1957/11/09/1957\\_11\\_09\\_053\\_TNY\\_CARDS\\_000252812](http://www.newyorker.com/archive/1957/11/09/1957_11_09_053_TNY_CARDS_000252812)

Além deste objetivo, as sociedades já industriais e modernas também demandavam por formatos mais “fáceis” para se escrever, em um mundo em que as informações começavam a ser disseminadas mais rapidamente, com o advento de novas tecnologias que, junto com a demanda por notícias da guerra, acabaram por determinar um aumento na velocidade entre o fato e a notícia.

No mesmo período, dentro das universidades americanas, começam a surgir os primeiros teóricos da profissão, que pregavam pela imparcialidade e objetividade jornalística, em que a “voz do repórter”, suas percepções e subjetividades não fossem expostas nas matérias.

No entanto, nem todos os profissionais da área, muitos deles criados ainda em uma época em que jornalismo era discípulo da literatura, se adaptaram às técnicas recém-criadas. Junto com Truman Capote, o também americano Gay Talese foi um dos expoentes e principais nomes do *New Journalism*. O perfil que escreveu sobre o ídolo dos Estados Unidos, Frank Sinatra, intitulado “*Frank Sinatra has a cold*”<sup>22</sup> sem nem ao menos tê-lo entrevistado, é tido como um marco na produção jornalística literária.

Um dos aspectos mais característico do *New Journalism* é a visceralidade com que o repórter se entrega ao trabalho. No caso de Talese, por exemplo, depois de diversas recusas de Sinatra para uma entrevista, ele resolve seguir o cantor, literalmente, por todos os lugares que frequenta. Acaba presenciando cenas memoráveis e, com sua aguçada subjetividade, narra um perfil rico em detalhes.

Frank Sinatra, segurando um copo de bourbon numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele. Mas ele não dizia nada; passara boa parte da noite calado; só que agora, naquele clube particular em Beverly Hills, parecia ainda mais distante, fitando, através da fumaça e da meia-luz, um largo salão depois do balcão, onde dezenas de jovens casais se espremiavam em volta de pequenas mesas ou dançavam no meio da pista ao som trepidante do folk rock que vinha do estéreo. As duas loiras sabiam, como também sabiam os quatro amigos de Sinatra que estavam por perto, que não era uma boa ideia forçar uma conversa com ele quando ele mergulhava num silêncio soturno, uma disposição nada rara em Sinatra naquela primeira semana de novembro, um mês antes de seu quinquagésimo aniversário.<sup>23</sup><sup>24</sup>

<sup>22</sup> Tradução livre: “Frank Sinatra está gripado”

<sup>23</sup> Frank Sinatra, holding a glass of bourbon in one hand and a cigarette in the other, stood in a dark corner of the bar between two attractive but fading blondes who sat waiting for him to say something. But he said nothing; he had been silent during much of the evening, except now in this private club in Beverly Hills he seemed even more distant, staring out through the smoke and semidarkness into a large room beyond the bar where dozens of young couples sat huddled around small tables or twisted in the center of the floor to the clamorous clang of folk-rock music blaring from the stereo. The two blondes knew, as did Sinatra's four male friends who stood nearby, that it was a bad idea to force conversation upon him when he was in this mood of sullen silence, a mood

Este tipo de narração demanda tempo e dedicação do jornalista. A história do brutal assassinato de uma família na cidade de Holcomb, localizada no interior do estado do Kansas, nos EUA, narrada por Truman Capote acabou tornando-se uma das reportagens mais emblemáticas da história do jornalismo literário. Primeiramente publicado em partes pela revista *The New Yorker*, durante o ano de 1965, a narração converteu-se em um livro-reportagem, que vendeu milhões de cópias.

A relação que Capote cria com o assassino confesso desta família tida como o “ideal americano” se torna cada vez mais intensa, já que o jornalista passa a visitá-lo com frequência na prisão<sup>25</sup>. A riqueza dos detalhes e das descrições, tanto dos locais, como das pessoas envolvidas no crime, desde testemunhas, vítimas e os próprios assassinatos, mostram o talento de Capote em reportar uma notícia jornalística de forma aprofundada, interpretativa e subjetiva, sem perder o seu caráter informativo.

A aldeia de Holcomb fica situada no meio dos planaltos de trigo, no Oeste do Kansas, numa área isolada que os demais habitantes do estado chamam “lá para diante”. Perto de setenta milhas a leste da fronteira do Colorado, com um céu azul intenso e um ar transparente, de deserto, possui uma atmosfera que lembra mais o Extremo Oeste do que o Médio Oeste. A pronúncia local tem um sotaque da planície, um nasalado próprio dos rancheiros, e os homens, na sua maioria, vestem calças justas de fronteiros, chapéus de feltro de aba larga, botas de tacão alto com biqueiras aguçadas. A terra é plana e os horizontes são incrivelmente vastos; os cavalos, as manadas de gado e o branco aglomerado dos silos a erguerem-se graciosamente no céu como outros tantos templos gregos se avistam muito antes de o viajante chegar perto deles (CAPOTE, TRUMAN.1966:9)<sup>26</sup>

Esta paixão com que o jornalista se entrega em reportagens literárias são muito bem demonstrada em outro subgênero do Jornalismo Literário, o *Gonzo*. Seu maior expoente é o norte-americano Hunter S. Thompson, que assim definiu este estilo de reportagem: “Um

---

that had hardly been uncommon during this first week of November, a month before his fiftieth birthday  
(Tradução Livre)

<sup>24</sup> [http://www.esquire.com/features/ESQ1003-OCT\\_SINATRA\\_rev\\_](http://www.esquire.com/features/ESQ1003-OCT_SINATRA_rev_)

<sup>25</sup> A relação que Truman Capote estabelece com os assassinatos para escrever as reportagens mostra o seu nível de visceralidade. Para terminar o livro, Capote precisou esperar a execução da pena de morte de Perry Smith, que foi adiada diversas vezes. A relação intensa com o assassinato e o prolongamento para, enfim, terminar a reportagem afetaram Capote para sempre. Sabe-se que ele nunca mais conseguiu terminar nenhum outro livro que iniciou após “A Sangue Frio”.

<sup>26</sup> The village of Holcomb stands on the high wheat plains of western Kansas, a lonesome area that other Kansans call “out there.” Some seventy miles east of the Colorado border, the countryside, with its hard blue skies and desert-clear air, has an atmosphere that is rather more Far West than Middle West. The local accent is barbed with a prairie twang, a ranch-hand nasalness, and the men, many of them, wear narrow frontier trousers, Stetsons, and high-heeled boots with pointed toes. The land is flat, and the views are awesomely extensive; horses, herds of cattle, a white cluster of grain elevators rising as gracefully as Greek temples are visible long before a traveler reaches them (Tradução Livre)

estilo de reportagem baseada na ideia do escritor William Faulker segundo a qual a melhor ficção é muito infinitamente mais verdadeira que qualquer tipo de jornalismo – e os melhores jornalistas sempre souberam disso” (Thompson apud Burns, 2001).

Neste subgênero, o jornalista deve apurar as notícias de dentro, vivenciando-as e participando daquilo que pretendem reportar. O estilo procura acabar com a distinção entre autor e sujeito, ficção e realidade. Uma de suas reportagens foi o tempo em que conviveu com os motoqueiros do grupo “*Hell’s Angels*” para a revista *The Nation* e, seguindo os mesmos passos de “A Sangue Frio”, de Capote, foi igualmente publicado como um livro-reportagem, lançado em 1966. O jornalista conviveu com os membros do grupo por um ano. O resultado, um retrato completo, se tornou um dos clássicos do Jornalismo Literário.

Califórnia, feriado do Dia do Trabalho ... cedo, com a névoa do oceano ainda nas ruas, motociclistas foragidos vestidos com correntes e óculos, gorduras saindo para fora da Levis em garagens úmidas, passam por lanchonetes durante a noite em Frisco, Hollywood, Berdoo e Oakland Oriente, rumo ao Península de Monterey, norte de Big Sur ... A ameaça está solta novamente, os Hell’s Angels, a manchete mais valiosa dos jornais, correndo rápido e forte na estrada de manhã cedo, ninguém sorri, andando louco através de tráfego e 90 milhas por hora no centro, sem bater por milímetros ... como Genghis Khan em um cavalo de ferro, um monstro com um corcel ânus fiery, no apartamento através do olho de uma lata de cerveja e até de sua filha deixar (THOMPSON, 2006:1)<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> California, Labor Day weekend... early, with ocean fog still in the streets, outlaw motorcyclists wearing chains, shades and greasy Levi’s roll out from damp garages, all-night diners and cast-ff one-night pads in Frisco, Hollywood, Berdoo and Eas Oakland, heading for the Monterey peninsula, North of Big Sur... The Menace is loose again, the Hell’s Angels, the hundred-carat headline, running fast and loud one the early morning freeway, low in the saddle, nobody smile, jamming crazy through traffic and ninety miles and hora down the center sripe, missing by inches... like Genghis Khan on an iron horse, a monster steed with a fiery anus, flat out through the eye of a beer can and up your daughter’s let with no quarter asked and none given (Tradução Livre)

#### 4 – O Perfil Jornalístico

Existem diversas definições acerca do que é o Perfil Jornalístico. Steve Weinberg os chama de *short-term biography* (biografia de curta duração); Oswaldo Coimbra nomeia-as “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”. Já Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari consideram que deve ser chamado de perfil o texto que enfoca o protagonista de uma história (sua própria vida) e de miniperfil o texto descritivo de uma personagem secundária inserido no momento em que ocorre a interrupção ou um corte da narrativa principal. Para Villas-Boas, comunidades e instituições podem ter perfis jornalísticos(s), embora este seja um fato discutido entre os especialistas.

“O perfil é um dos gêneros mais nobres do jornalismo literário” afirma Sérgio Vilas-Boas, em seu artigo *A Arte do Perfil* (2009). Atualmente, o perfil voltou a exercer um papel fundamental na produção literária dentro dos grandes jornais do país. Logo, como aponta o próprio Vilas-Boas, “os perfis cumprem um papel importante, que é exatamente gerar empatias” que é, segundo ele “a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem” (BOAS, 2003: 14).

Apesar da produção do perfil ser um instrumento do Jornalismo Literário muito utilizado dentro das redações dos grandes jornais brasileiros, ele ainda está atrelado a condições específicas. No jornalismo diário “um personagem desconhecido, por mais iluminador, simplesmente não existe” (BOAS, 2003:24). Logo, como aponta o próprio Vilas-Boas, tem-se a necessidade de encontrar um *gancho*<sup>28</sup> para que este personagem se torne mais relevante dentro de um grande contexto, como veremos mais a frente. O “sublime contido no trivial”, ou seja, a beleza e as questões interessantes do cotidiano (BOAS, 2003: 29), quase não existem.

Amanda Tenório Pontes da Silva, em sua monografia para a Universidade Federal da Paraíba (UFPR), já aponta as dificuldades que começaram a surgir nas redações brasileiras, ainda na década de 40. “A tendência natural era investir na superação da teoria. A prática criativa e a espontaneidade dos futuros jornalistas foram questionadas pela intervenção dos pressupostos do lead” (SILVA, 2009)

---

<sup>28</sup> Gancho é uma gíria jornalística que indica diferentes abordagens que hierarquizam as notícias. Ela normalmente vai ser associada a algum fato, dado, acontecimento que possa “puxar” outras abordagens, tendo o gancho como principal fato do lead.



Grandes tragédias, como o recente incêndio na Boate *Kiss*, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, deixando mais de 200 mortos, fez com que diversas mídias procurassem aspectos diferenciados para analisar a história, reportada por praticamente todos os veículos nacionais e internacionais, bem como por moradores, que reportavam a situação através das mídias sociais e da internet<sup>29</sup>. O perfil das vítimas, seus rostos, seus desejos e características foram altamente explorados pelos jornais, como no caso da reportagem de uma página do jornal *O Globo*, do dia 31 de janeiro de 2013. Na publicação, vinte vítimas foram destacadas com fotos e uma breve narração de seus perfis, como exemplificado abaixo.

Rafael Dorneles, 28 anos, morava em São Leopoldo, a 50 quilômetros de Porto Alegre. Veio a Santa Maria visitar o pai, José Milton, que havia passado por uma cirurgia no coração na última quinta-feira. Rafael encontrou o pai com saúde e resolveu ir à boate Kiss com a irmã e o namorado dela para relaxar. O casal foi embora mais cedo. Rafael decidiu ficar (*O Globo*, 31/01/2013. Pág. 12).

Neste ponto, cabe uma crítica: a falta de profundidade em abordar o aspecto social e humano da tragédia, fez com que muitas das empresas midiáticas que cobriam o assunto, explorassem de forma gratuita o sofrimento de familiares, pessoas envolvidas e vítimas. Um artigo publicado pelo *New York Times* no dia 30 de janeiro de 2013, assinado por Antônio Xerxenesky, levanta o debate sobre os limites do jornalismo na hora de cobrir um assunto que envolve tragédias, dor e sofrimento para centenas de pessoas.

A cobertura de nossa mídia nacional sensacionalista tem sido ainda pior. É possível dizer comoventes histórias com cuidado e com muito tato, como as que eu li sobre como os celulares das vítimas, que as equipes de resgate haviam colocado em seus corpos mortos, continuou a tocar, com pais desesperados procurando saber se seus filhos ainda estavam vivos. O que não deveria estar acontecendo é uma multidão de jornalistas apontando câmeras no rosto de uma mãe que acaba de perder seu filho e exigindo saber como ela se sente. Freud disse uma vez que o luto é um processo íntimo. Mas a mídia do Brasil está fazendo um reality show de tragédia (*New York Times*, 30/01/2013)<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Com a facilidade de acesso às mídias e a internet pelo celular, normalmente munido de câmeras, muitas das informações circuladas pela rede vieram de testemunhas, familiares, outras vítimas e moradores que presenciaram a tragédia. Muitas vezes, as redes sociais se tornaram fontes para matérias jornalísticas.

<sup>30</sup> Our national media's sensationalist coverage has been even worse. It's possible to tell heart-wrenching stories carefully and tactfully, like the accounts I've read about how the victims' cellphones, which rescue workers had placed on their dead bodies, continued to ring, as frantic parents sought to find out if their children were still alive. What shouldn't be happening is a crowd of journalists pointing cameras in the face of a mother who just lost her son and demanding to know how she feels. Freud once said that mourning is an intimate process (Tradução Livre)

Mesmo com a necessidade de um “gancho” para que a matéria seja publicada a produção de perfis dentro do jornalismo diário, existem bons exemplos de perfis com características do jornalismo literário nas redações atuais.

Uma classificação feita por Ferrari & Sodré (1986:139) já entende que dentro da notícia, entrevista ou reportagem, é sempre possível visualizar um **miniperfil**, ou seja, quando ocorre a descrição de um personagem, mesmo que apenas por um breve momento, colocando-os como protagonistas da reportagem.

O jornalista Caio Rodrigo de Albuquerque aponta, em seu texto “O perfil jornalístico como meio de aprimorar as técnicas de redação e pesquisa jornalística”, que apesar de “concordar com Villas-Boas” em relação à perda de espaço dos grandes jornais para este tipo de gênero, nota que:

Tanto os jornais quanto as revistas parecem ter resgatado o velho estilo da mini biografia e, ainda que com espaço reduzido, têm publicado perfis em suas mais variadas editoriais. O Estado de S. Paulo, por exemplo, passou a publicar alguns perfis após sua reestruturação em 2004. O caderno Aliás, que se apresenta como um resumo da semana, traz sempre curiosidades acerca de uma história de vida<sup>31</sup>.

O perfil do sambista Delegado, da escola de samba Estação Primeira de Mangueira foi escrito na ocasião de sua morte, no dia 11 de novembro de 2012 e publicado no dia seguinte por Aydano André Motta no jornal *O Globo*. A reportagem é um bom exemplo de que é possível se utilizar de características do Jornalismo Literário dentro do perfil para a produção de matérias aprofundadas na grande mídia diária, ainda que os espaços estejam cada vez menores e o tempo dos repórteres ainda mais curto.

O cidadão mangueirense Hélio Laurindo da Silva, 90 anos, presidente de honra da escola, morreu ontem de manhã, vencido por um câncer. Ficará eternizada na memória dos apaixonados pela folia a atávica elegância de quem cruzou a vida ereto, 1,90m e 67 quilos dedicados a um estilo impecável, a mais perfeita tradução do sambista de almanaque. Rigorosamente nenhum outro personagem carnavalesco ostenta a invencibilidade de notas 10 ao longo de inacreditáveis 36 desfiles. O talento que o fazia levitar em torno da porta-bandeira, guardando o pavilhão no preciso fundamento do mestre-sala, transformou-o em lenda, o maior baluarte do carnaval carioca.

Delegado chegou ao morro antes da Estação Primeira. Quando Cartola, Carlos Cachça, Saturnino e outros cinco bambas fundaram a escola, ele era um

---

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CC8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.nytimes.com%2F2013%2F01%2F31%2Fopinion%2Fafter-the-brazil-nightclub-fire.html&ei=rTooUb7mMo2o8ATZt4Fw&usg=AFQjCNEslFzoEgZhaRHSrf1uk55PJR9WJA>

<sup>31</sup> <http://www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=120&print=1&cf=7>

menino de sete anos, que corria pelas vielas da favela ainda pequena, destino de grupos removidos dos cortiços que desapareceram nas mudanças urbanísticas implementadas por Pereira Passos. O futuro mestre-sala nasceu no fim de 1921, dia 29 de dezembro, filho de um dançarino de valsa — olha o DNA aí, gente! — e de uma doceira, no Buraco Quente, pedaço mais famoso da comunidade popular (depois, endereço da principal boca de fumo do lugar, aposentada pela brisa da pacificação), e cedo entregou-se ao doce vício da folia”. (O Globo, 12 de novembro de 2012)<sup>32</sup>

Tratando-se sempre de uma história de vida, é inerente ao repórter buscar não apenas as características do personagem no presente, mas também o que realizou no passado, buscando situações em que seu temperamento e personalidade se mostrem com naturalidade. Em um perfil “recheado”, a linguagem atextual, ou seja, as particularidades do ambiente, os gestos e amigos e familiares são incluídos na narração. Neste caso, a perspectiva do repórter é essencial para que os detalhes mantenham-se inseridos dentro de um contexto de observação.

As características do perfil jornalístico, mesmo dentro das reportagens diárias de grandes periódicos, vêm do Jornalismo Literário e são importantes ferramentas para que a narrativa, a subjetividade e o aprofundamento das questões não se percam dentro dos jornais. Não obstante, dentro da mídia diária, a produção de perfis jornalísticos, ou seja, nos quais o personagem é agente principal da matéria, é quase nula. Com exceção de momentos de “gancho”, já mencionados, poucas vezes um desconhecido será retratado.

Outro bom exemplo no qual, apesar da necessidade do gancho, uma temática foi explorada dentro do perfil jornalístico, com características do Jornalismo Investigativo, encontra-se na reportagem publicada pelo jornal *The New York Times*, em matéria intitulada *Drowned in a Stream of Prescription* do dia 2 de fevereiro de 2013. A reportagem é sobre o número crescente de viciados em remédios controlados dentro das faculdades americanas. No sentido exposto por Vilas-Boas, de criar “empatia”, o autor, Alan Schwarz se utiliza do perfil de uma das vítimas, o jovem Richard Fee, que havia cometido suicídio depois de uma crise de abstinência. A reportagem narra a trajetória do jovem desde os tempos de infância até a sua morte, sua vida colegial e na faculdade, os erros de diagnóstico e até momentos ao lado dos pais, lembrado por seus progenitores. Junto com a história de Fee, há o relato de médicos, dados e estatísticas, além de outros exemplos que comprovam a tendência crescente no uso de medicamentos pelos jovens estudantes norte-americanos.

Mais do que isso, a história de Alan tem a função ali não apenas de exemplificar um caso, mas também de criar empatia com o leitor. Um pai ou uma mãe pode “enxergar-se na

<sup>32</sup>[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Foglobo.globo.com%2Frio%2Fmorte-de-delegado-da-mangueira-encerra-historia-de-amor-ao-samba-6710463&ei=7zooUYKoGYKm9ATEqIH0Bg&usq=AFQjCNFoC8SxN\\_oiRwuj\\_Rthpii1UdSURQ](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Foglobo.globo.com%2Frio%2Fmorte-de-delegado-da-mangueira-encerra-historia-de-amor-ao-samba-6710463&ei=7zooUYKoGYKm9ATEqIH0Bg&usq=AFQjCNFoC8SxN_oiRwuj_Rthpii1UdSURQ)

descrição”, humanizando a história ao contextualizá-la com a vida “real”, dando voz humana a reportagem.

Foi no estacionamento que ela insistiu para Richard que ele não tinha TDAH, não como uma criança e nem agora como um graduado da faculdade de 24 anos de idade, e que ele estava ficando perigosamente viciado na medicação. Ele estava dentro do prédio que seu marido, Rick, implorou ao médico para parar de prescrever a Richard o Adderall, advertindo: “Você vai matá-lo”. Foi no mesmo lugar onde, depois de se tornar violentamente delirante e passar uma semana em um hospital psiquiátrico em 2011, Richard encontrou com seu médico e recebeu prescrições por mais 90 dias de Adderall. Ele se enforcou em seu armário do quarto duas semanas depois que a receita expirou<sup>33</sup>.

Ainda que nos casos acima ocorra uma mistura entre os conceitos de Perfil Jornalístico “inserido em uma matéria” - e que seria caracterizado como um **miniperfil** – evidencia-se, nestas reportagens, a utilização de aspectos característicos do Jornalismo Literário dentro das matérias diárias destas grandes publicações, recolocando a linguagem literária, anteriormente citada e exposta, no jornalismo diário e de grande circulação. O perfil é a ferramenta usada por estes repórteres na busca por uma linguagem menos técnica e menos atrelada aos conceitos do *lead*.

#### 4.1 – Personagem

Dentro destas matérias, este personagem ocupa o papel de retransmissor, ou mesmo de protagonista de uma história. Ele contribui de forma significativa para o entendimento da notícia. Os personagens, além de também criar empatia com os leitores, ajudam a expor os problemas retratados de forma menos formal ao leitor fazendo com que sua mensagem chegue ao receptor com maior proximidade. É o que explica Nilson Lage, no seu livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, no qual propõe uma classificação das fontes em relação à segurança.

---

<sup>33</sup> It was in the parking lot that she insisted to Richard that he did not have A.D.H.D., not as a child and not now as a 24-year-old college graduate, and that he was getting dangerously addicted to the medication. It was inside the building that her husband, Rick, implored Richard’s doctor to stop prescribing him Adderall, warning, “You’re going to kill him. It was where, after becoming violently delusional and spending a week in a psychiatric hospital in 2011, Richard met with his doctor and received prescriptions for 90 more days of Adderall. He hanged himself in his bedroom closet two weeks after they expired (Tradução Livre) [http://www.nytimes.com/2013/02/03/us/concerns-about-adhd-practices-and-amphetamine-addiction.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2013/02/03/us/concerns-about-adhd-practices-and-amphetamine-addiction.html?pagewanted=all&_r=0)

No caso dos perfis, a mais utilizada para o colhimento de dados será a testemunha. Quase sempre seu relato é cercado por emotividade, mas não necessariamente só quem vivenciou fisicamente um acontecimento irá testemunhar. *Experts* são geralmente os especialistas chamados para discorrer acerca de um caso. O cuidado maior é escolher perguntas pertinentes a eles (LAGE, 2001:63-71)

A busca pelo personagem para um perfil abrangente, investigativo e literário, como no caso de Frank Sinatra ou Marlon Brando, é demorada, trabalhosa e custosa. Com o enxugamento das redações e o encurtamento das matérias, promovidas pelas técnicas jornalísticas desenvolvidas, poucos jornais de circulação grande e diária podem se dar ao luxo de publicar estes perfis.

Muitas vezes, como em caso de tragédias ou em matérias em que a exemplificação é extremamente importante, por exemplo, em notícias de comportamento ou economia, é preciso se locomover até outro local. A busca pelo personagem ideal pode levar dias. Com o já mencionado enxugamento das redações de jornal, as redações pouco podem investir em grandes reportagens.

Estas problemáticas acabaram por influenciar drasticamente a produção do jornalismo narrativo dentro dos veículos diários. A leitura na internet é rápida, veloz e em grande quantidade. Esta velocidade pode impedir que os repórteres tenham tempo de se aprofundar nas questões. Trata-se também de um novo público leitor, acostumado em se informar pela grande rede, através de mídias sociais que produzem informações velozes e, em grande parte, superficiais. Não é a toa que os remanescentes do jornalismo narrativo, ou literário (que é onde o Perfil está inscrito) ainda em ativa, trabalhem na mídia impressa.

#### 4.2 – Estudo de caso: eleições.

Um exemplo no qual este tipo de abordagem mais ampla acontece com frequência são nos anos eleitorais, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. O perfil jornalístico nunca é tão explorado pela mídia diária como nas eleições, quando a demanda dos leitores por uma matéria expondo as nuances, detalhes, personalidade e temperamento de cada candidato é grande. Não basta, neste caso, conhecer apenas as suas propostas e idéias para a política. É preciso saber as origens deste candidato, quem são seus aliados, com que é casado, seu patrimônio, sua história de vida, política... enfim, todos os elementos em relação a sua pessoa precisam ser esmiuçados para que o leitor tenha a sensação de que conhece e está bem informado sobre o seu voto.

Um bom exemplo reside no perfil do candidato Mitt Romney, publicado pela revista *The New Yorker*, alguns meses antes da eleição presidencial americana, em 19 de Março de 2012. A publicação, como exposto, é famosa pela profundidade de seus perfis, mas também conhecida como uma representante da esquerda americana, exemplificada pelo partido democrata, rival de Romney nas eleições.

Apesar das divergências políticas entre a revista e o seu candidato, fica clara a busca pela objetividade na exposição desta personalidade. Intitulada de *Does Mitt Romney really love you?*<sup>34</sup> a revista se coloca, já no início da narrativa, contrária às ideias de Romney. Porém, não há uma tentativa clara de posicionar as opiniões dele como certas ou erradas.

O que o autor, Louis Menand, faz é uma análise dos fundamentos da plataforma econômica do candidato. Romney se utilizou da sua experiência como empresário e empreendedor do mercado financeiro como fator principal para provar que poderia administrar os Estados Unidos como presidente. Sua visão era tratar o país como uma das suas bem sucedidas empresas.

A importância de sua vida no mercado de negócios dentro da campanha é grande, o que pode ter fundamentado o “gancho” para o perfil. Baseado na leitura da autobiografia do candidato, de entrevistas com pessoas próximas a ele e também com fundamentações de teóricos da administração e negócios, Menand não deixa de expor sua opinião. Mas a narrativa, que foge de maniqueísmos, prova que as mais controversas ideias do político são baseadas em sua própria história dentro e fora do mercado.

É por isso que as maiores infelicidades de Romney – “Eu gosto de poder demitir pessoas”, “Para uma economia crescer... muitas pessoas vão sofrer”, “Corporações são pessoas”, “Eu não estou preocupado com os muito pobres” – não são na verdade gafes, mesmo nas formas injustas e fora de contexto que seus oponentes gostam de divulgá-las. Elas expressam, muitas vezes, o jeito como Romney verdadeiramente vê o mundo<sup>35</sup>. (The New Yorker, 18/03/2012)<sup>36</sup>

Outro aspecto importante neste perfil é observar como há uma tentativa de não se “demonizar” o candidato. Já no começo da reportagem, um dos casos mais controversos da história de Romney – de que ele teria amarrado o seu cachorro no teto do carro para uma longa viagem – é desmentido e explicado. Somado a esta explicação, são descritas também

<sup>34</sup> Mitt Romney realmente ama você? (Tradução Livre)

<sup>35</sup> And it's why Romney's well-known infelicities—"I like being able to fire people," "For an economy to thrive . . . a lot of people . . . will suffer... Corporations are people," "I'm not concerned about the very poor"—are not really gaffes, even in the unfair, out-of-context form in which his opponents circulate them. They express something true to the way that Romney sees the world" (Tradução Livre)

<sup>36</sup> [http://www.newyorker.com/arts/critics/atlarge/2012/03/19/120319crat\\_atlarge\\_menand](http://www.newyorker.com/arts/critics/atlarge/2012/03/19/120319crat_atlarge_menand)

alguns momentos da viagem e algumas características marcantes da personalidade do candidato, humanizando-o.

Na estação de serviço seguinte, Romney pegou emprestado uma mangueira, regou o cão e o carro, e retomou a viagem. "Foi uma pré-visualização de um traço que ele iria crescer famoso no negócio", Kranish e Helman secamente escreveram: "emoção livre na gestão de crises."<sup>37</sup> (The New Yorker, 18/03/2012)<sup>38</sup>

Os aspectos do Jornalismo Literário utilizados neste perfil de Mitt Romney tornam a sua caracterização mais completa. Com a apuração profunda do repórter e sua subjetividade, porém abordando as principais características de forma ampliada (expõe não apenas relatos e dados, mas gestos e reações) fica clara não só a posição política da revista e do repórter, cuja voz se mantém presente o tempo todo, mas também a certeza, por parte do leitor, que mostra aquilo que propõe: o perfil de um candidato de direita a partir da visão de um repórter de esquerda.

#### 4.3 – Perigos do Jornalismo Literário

No Brasil, as principais revistas semanais também escrevem perfis dos candidatos à presidência. Porém, aqui as publicações não expõem suas visões políticas publicamente e se declaram imparciais, embora apresentem correntes ideológicas ligadas à direita, exceção se faz com a publicação Carta Capital, de Mino Carta, que se posiciona como uma revista de esquerda.

Um dos perigos que a linguagem literária pode trazer ao leitor é a sua capacidade de convencimento a partir das percepções de um repórter. Afinal, neste tipo de narração, o jornalista expõe a sua subjetividade, suas particularidades, assim como sua historicidade e parte dos preconceitos e concepções que carrega. Ele tem a responsabilidade, no entanto, de mostrar ao leitor, através da linguagem narrativa, que, parte daquela reportagem, é também a sua percepção sobre os acontecimentos e não necessariamente a verdade.

O formato de narração do Jornalismo Literário, assim como qualquer outra técnica, pode ou não se prestar a informação mais completa. Depende, inegavelmente, das intenções de quem as produz e publica. Assim, o poder que a narratividade literária tem, de aproximação, sedução do leitor, empatia e humanização, pode também ser utilizada de forma manipuladora

<sup>37</sup> At the next service station, Romney borrowed a hose, washed down the dog and the car, and resumed the journey. "It was a preview of a trait he would grow famous for in business," Kranish and Helman dryly note: "emotion-free crisis management".

<sup>38</sup> [http://www.newyorker.com/arts/critics/atlarge/2012/03/19/120319crat\\_atlarge\\_menand](http://www.newyorker.com/arts/critics/atlarge/2012/03/19/120319crat_atlarge_menand)

e levar o leitor a imaginar e sentir situações que talvez não correspondam com a realidade daquela pessoa ou situação.

Um exemplo de como o perfil jornalístico pode ser mal utilizado é observado na edição de janeiro de 2003 da revista *Veja*, que publicou um perfil que continha uma acusação de roubo, militância armada e terrorismo. As acusações se basearam em uma suposta ficha do arquivo militar, de 1969, em que Dilma Rousseff<sup>39</sup>, então ministra de Minas e Energia do primeiro mandato do governo de Luis Inácio Lula da Silva, seria integrante de um grupo armado que roubou o governador paulista Adhemar de Barros na época.

A investigação feita pelos repórteres e a descrição subjetiva da personalidade de Dilma não contextualiza as acusações com a época em que aconteceram, durante o período militar, em que Rousseff lutava contra a Ditadura Militar. Na descrição de sua personalidade, os repórteres abordam apenas aqueles aspectos que a tornam uma pessoa menos simpática e agradável.

Carla Montuori Fernandes, no artigo “As representações midiáticas de Dilma Rousseff no cenário político brasileiro” destaca o caso.

O perfil da nova ministra, mulher de fala pausada, mãos especuladoras, olhar austero e passado desconhecido complementava a reportagem que supostamente possuía o intuito de conspirar sobre os primeiros passos do governo petista de Lula. A capa da revista fazia uma crítica à escolha ministerial do novo presidente, com a chamada “Trapalhadas na decolagem: o show de factóide no começo do governo Lula”<sup>40</sup>

#### 4.4 – Aprendizados para o repórter

Porque então nas eleições temos direito a informações mais aprofundadas? Existe, nesta época, uma forte demanda pelo conhecimento mais intenso sobre determinadas figuras públicas, os candidatos e seus principais aliados, ou possíveis políticos que podem ser nomeados para cargos importantes no futuro, quando os leitores precisam tomar uma decisão. Esta busca por informações mais “completas”, mais aprofundadas na apuração e redação são essenciais para o aprimoramento do repórter e, consequentemente, do jornal ‘para o qual está a serviço.

Estas ferramentas são fundamentais para um jornalista preocupado com a qualidade da notícia e lições que a produção do perfil, de aspectos literários, pode levar a este profissional,

<sup>39</sup> Na época, Lula já demonstrava desejos de encontrar um sucessor para depois de seu segundo mandato. Dilma se tornaria esta sucessora e seria eleita em 2010.

<sup>40</sup> <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/9266>



assim como ao veículo no qual trabalha, aumentando sua credibilidade frente aos leitores que procuram uma informação mais “honesta”, ou seja, que consiga expor as nuances de cada situação de maneira objetiva, clara e aprofundada.

O jornalista Ricardo Kotscho, em seu livro, “A Prática da Reportagem” (2003), salienta como a produção do perfil pode ajudar na formação mais completa de um repórter.

Filão mais rico das matérias chamadas humanas, o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade. Para isso, é necessário que ele se municiie previamente sobre o tema de que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar, é preciso, antes de mais nada, conhecê-lo bem (KOTSCHO, 2003:42).

“Para produzir um bom perfil é preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar a refletir. Você tem de pesquisar os contextos socioculturais da pessoa; conversar com ela e com os convivas dela; movimentar-se com ela por diversos locais” (BOAS, 2009)

A produção do Perfil, com estilo de narrativa literária, se coloca como um dos grandes desafios para este novo repórter, formado em um mundo mais digital em que a velocidade entre o fato e a notícia é cada vez mais rápida e a disseminação nas redes sociais ocorre quase instantaneamente. Nas mídias diárias, estas notícias devem ser produzidas mais rapidamente e por isso, nas redações os jornalistas estão cada dia mais sobrecarregados.

O repórter de hoje chega as redações com conhecimento das técnicas jornalísticas muito maior. Contudo, como expôs Sérgio Vilas Boas, a produção do perfil foge as regras básicas do jornalismo. “A lógica industrial da pirâmide invertida, com seus leads e sublead, é inútil em perfil. Informações e percepções não se acomodam em compartimentos estanques” (BOAS, 2003:10).

Por isso, para o repórter, é preciso um exercício de desamarras com a técnica, o aprimoramento da sua subjetividade e capacidade de observação. A objetividade e a imparcialidade não são possíveis dentro de uma profissão que é feita por seres-humanos, incapazes de se manter indiferentes as suas perspectivas, historicidade, preconceitos e visões. Como afirma Villas-Boas, em relação ao Perfil Jornalístico:

É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. É de natureza autoral. Existem tantos modos de reportar quanto repórteres trabalhando em uma redação, por mais que nos digam que não, que tudo leva a uma única opção (BOAS, 2003:28).

Porém, a subjetividade do repórter precisa estar explícita, para que o leitor não possa ser confundido com julgamentos de valor e opiniões expostas pelo jornalista. O repórter deve ficar atento ainda para evitar o maniqueísmo simples do bom contra mal ou o justo contra o injusto.

A produção do Perfil é fundamental também como ferramenta de aprendizado para o repórter, que precisa ir além da breve exposição de números frios, ou da colocação de “aspas” de uma fonte ou entrevistado. No perfil, o repórter precisa extrapolar os limites do óbvio, já que faz parte desta linguagem uma voz mais ativa do jornalista, com a colocação de sua subjetividade e sua interpretação como parte do perfil. Isto, ainda sim, torna-se um exercício de valor para o repórter, treinado, dentro das mídias diárias a “inutilizar” sua voz, torná-la invisível. Mesmo como parte “ativa” da material, ele não pode perder a busca pela.

O jornalista Caio Rodrigo de Albuquerque, no texto “O perfil jornalístico como meio de aprimorar as técnicas de redação e pesquisa jornalística”, mostra, através de experiência com seus alunos no Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro/SP, que a produção deste gênero ajuda a aperfeiçoar a apuração dos repórteres em formação.

O cuidado com a pesquisa e construção do contexto no qual se insere o entrevista fica latente na maioria dos textos, permitindo que a produção não fique restrita a história de vida em si, mas também as correlações entre aspectos individuais e coletivos, o que incute no futuro repórter a preocupação em posicionar problemas ou passagens particulares diante de questões sociais”

Outra característica despertada foi o traço literário, que dá ao texto um tom mais intimista e confere aos alunos a preocupação em não perder pormenores que, ao final do perfil, resultam um texto mais completo e atrativo aos leitores<sup>41</sup>.

Outro aspecto observado pelo professor é a produção do perfil como uma ferramenta em que o repórter desenvolve técnicas e percepções mais bem apuradas na hora de se buscar uma pauta, ou seja, um assunto a ser abordado. A busca pelo o “sublime contido no trivial”, como já citado por Villas-Boas (BOAS 2003).

A busca pelo entrevistado foi, de início, o fator de maior preocupação para os alunos e traz a tona a questão do levantamento de pautas, no caso, do encontro/descobrimto de uma estória que aparente ares de comum, mas que seja, ao final, um caminho para a reflexão, para o auto conhecimento e debates sociais. Neste quesito estão inseridas as técnicas de reportagem e entrevista e, no caso do perfil, fica nítido o processo de aprendizagem se

<sup>41</sup> <http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=120&print=1&cf=7>

desenrolando na procura por uma pessoa comum que revele novas experiências<sup>42</sup>.

Albuquerque conclui que a sua experiência com jornalistas em formação mostra que “os alunos acabam consolidando a sensação de que nada melhor do que o contato direto com as fontes para encontrarem o caminho para uma reportagem de qualidade, um texto de fôlego, um convite às novas informações. A oportunidade de revelar a importância de cada pessoa, ir além do superficial, por meio de uma linguagem mais solta, sem as amarras do lead ou de qualquer outra camisa de força acadêmica resulta em parágrafos humanos e não menos informativos. É possível notar em cada perfil o caráter interpretativo, a preocupação em apurar a veracidade das informações”.

Se, ao final da matéria, o jornalismo conseguiu exportar, a partir de sua pesquisa, entrevista e observações um perfil jornalístico de importância social, sem que sob eles criem-se mitos ou fantasias, ele terá feito um trabalho desafiador, porém de excelência jornalística.

---

<sup>42</sup> <http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=120&print=1&cf=7>

## 5 - Conclusão

A partir das análises feitas durante os capítulos precedentes, demonstrou-se que o jornalismo está cada vez menos vinculado a uma linguagem e narratividade de pendor literário. Apesar de, na maior parte de sua história, estar vinculado à literatura, o jornalismo cada vez mais perde esta característica, se tornando uma presa fácil das amarras do Lead e das seis perguntas fundamentais.

Grandes literatos da história saíram, muitas vezes, de jornais. Com o abandono cada vez mais comum da narrativa literária em favorecimento das técnicas, este é um cenário que talvez se torne cada vez mais difícil.

A chegada das mídias sociais, que promovem a troca de informações rápida, sem aprofundamento, acabou por contaminar também a linguagem jornalística como um todo. A velocidade entre o fato e a notícia diminuiu. Não obstante, a qualidade de análise destas notícias caem. O advento das tecnologias, o enxugamento das redações e a “facilidade” em se fazer notícias – que vieram com a fórmula técnica - ao invés de facilitar o trabalho do repórter, acabou por sobrecarregá-lo. Ainda que ele apure uma informação, raramente terá tempo de investigá-la a fundo, buscar sua história abrangente, consequências sociais e atores envolvidos.

Além disso, a formação universitária, que passou a se propagar no início da última metade do século passado, promove uma visão tecnicista de uma profissão demasiadamente humana. Os cursos são adeptos e discípulos das técnicas, ensinando aos futuros jornalistas conceitos de objetividade, imparcialidade e silenciamento da voz do repórter.

A subjetividade é parte fundamental da notícia. Tal como sugiro, ela informa mais e melhor, pois a visão do jornalista, embasada por relatos de testemunhas, investigação, apuração e entrega ao assunto, é uma visão equilibrada. Como expõe Vilas-Boas, “Pensa nas páginas e páginas devotadas à interpretação do sorriso de Monalisa (La Gioconda) de Leonardo Da Vinci: Luxúria? Castidade? Ironia? Ternura? Talvez aquele sorriso não expresse nada além de um disfarce, mas quanta saudável ambiguidade está contida nele!” (BOAS, 2003:20).

Não é exagero afirmar que a perda das características do Jornalismo Literário nas redações diárias é também a perda daquilo que torna a notícia e o fato, humanos, e assim sendo, podem então ser melhor compreendidos e interpretados.

O perfil jornalístico, subgênero do Jornalismo Literário – ainda – não está morto dentro das mídias diárias. Suas características apresentam-se quando a demanda do leitor por

este tipo de reportagem aumenta, como, por exemplo, durante os anos eleitorais, ou quando pela utilização de “ganchos”, como a morte, o centenário ou alguma data comemorativa que relembra àquela figura em questão. Nestes momentos, as características do Jornalismo Literário se apresentam como fundamentais na narrativa de pessoas, lugares e acontecimentos importantes.

Como observei, estes são casos excepcionais, no qual um jornal diário dedica-se a uma grande reportagem. Ainda sim, elementos do jornalismo literário estão presentes em outros momentos das reportagens de mídias diárias, mesmo que escondidos em meio às técnicas. É o caso dos miniperfis. Mesmo com o quase total abandono das características literárias na mídia diária, o personagem ainda é fundamental dentro das reportagens. Seja para elucidar um conceito econômico, por exemplo, até para gerar empatia de alguma situação, ou mesmo explorar vítimas de tragédias. O certo é que não se vislumbra o momento, ainda, em que os personagens não serão mais necessários dentro das matérias.

A produção do miniperfil, ainda que de forma diminuída em relação ao Jornalismo Literário, envolve, em sua feitura, a apuração mais aprofundada, em que as descrições, os adjetivos e a subjetividade do repórter ainda se fazem presentes.

Não se pode desconsiderar a utilização perigosa desta produção literária dentro do jornalismo diário. Uma narratividade mais subjetiva, porém embasada por pesquisas, depoimentos, relatos e investigação leva, na maioria das vezes, a uma reportagem opinativa, como deve ser, mas também equilibrada nas diversas visões ouvidas acerca daquele assunto. Em um repórter, porém, esta subjetividade pode ser feita com uma “porta aberta” a manipulação de informações, percepção duvidosa dos fatos e pessoas, baseados em preconceitos e a serviço de visões ideológicas. É comum jornais optarem por ouvir certas fontes, em detrimento de outras, que não vão de acordo com a ideologia política de sua publicação. Em um jornalismo honesto, a parcialidade é exposta, para que o leitor entenda a origem daquelas informações e porque elas foram escolhidas. O que se pratica, no entanto, é uma presunção em relação a uma “verdade” absoluta, que seria compartilhada por todos. Esta verdade não é possível nem real, já que para cada ser humano (carregado de uma historicidade própria) uma nova interpretação será feita.

A verdade exposta pela mídia é uma das visões possível sobre determinado assunto, não necessariamente, a melhor visão, embora as mídias tenham a pretensão de homogeneizar as visões acerca da realidade. Como afirma Nilson Lage, “o jornalismo progressista não é aquele que seleciona apenas discursos tidos como avançados em dado momento, mas o que registra com amplitude e honestidade fatos e ideias do seu tempo” (LAGE, 2006:19)

Considero, conclusivamente, que a produção do perfil jornalístico é uma importante ferramenta dentro das mídias diárias, que contribuem ainda para a produção jornalística menos técnica e mais literária. Além disso, a produção do perfil tornou-se, dentro de todas as possibilidades do jornalismo diário, apesar do enxugamento e da diminuição de repórteres, a mais viável dentro das redações, tanto *online* quanto impressa, e uma das poucas formas em que se cria uma empatia com o leitor.

## **Bibliografia**

BOAS, Sérgio Vilas. Perfis e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

BOAS, Sérgio Vilas. A Arte do Perfil. 2009

CAPOTE, Truman. A Sangue Frio. <http://enovel4free.files.wordpress.com/2007/11/in-cold-blood-truman-capote.pdf>

COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa. São Paulo: Ática, 1993

DUCLÓS, Nei. O que é o jornalismo literário? [www.consciencia.org/neiduclos/o-que-e-jornalismo-literario/](http://www.consciencia.org/neiduclos/o-que-e-jornalismo-literario/) (2009)

GOMES, Nilo Sérgio S. Em busca da notícia. Memórias do Jornal do Brasil, 1901. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

LAGE, Nilson. A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001

MAGNO, Ana Beatriz. A agonia da reportagem.

[http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1467](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1467) (2006)

PENA, Felipe. Jornalismo Literário: a melodia da informação. Rio de Janeiro: 2006

SILVA, Amanda Tenório Pontes da Silva. O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamento no jornalismo impresso brasileiro. Revista Eletrônica Temática, 2009

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria H. Técnicas de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986

TALESE, Gay. O Reino e o Poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THOMPSON, Hunter S. Hell's Angels. Nova Iorque: The Random House Publishing Group, 1966

WEINBERG, Steve. Telling the untold story: how investigative reporters are changing the craft of biography. Columbia: University of Missouri Press, 1992

WERNECK, Humberto. Vultos da República. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

WEISE, Angélica Fabiane. Para compreender o jornalismo literário. Observatório da Imprensa, 2013.

WILKERSON, Isabel. The Warmth of other suns. Nova Iorque: The Random House Publishing Group, 2010

<http://www.blogdacomunicacao.com.br/o-jornalismo-esta-em-crise/> (2009)

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/O%20jornalismo%20gonzo.pdf> (2009)

[http://www.newyorker.com/archive/1957/11/09/1957\\_11\\_09\\_053\\_TNY\\_CARDS\\_000252812](http://www.newyorker.com/archive/1957/11/09/1957_11_09_053_TNY_CARDS_000252812) (1957)

<http://oglobo.globo.com/rio/morte-de-delegado-da-mangueira-encerra-historia-de-amor-ao-samba-6710463> (2012)

<http://anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/148/158>

<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=120&print=1&cf=7>

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/JB> (2012)

[http://www.nytimes.com/2013/02/03/us/concerns-about-adhd-practices-and-amphetamine-addiction.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2013/02/03/us/concerns-about-adhd-practices-and-amphetamine-addiction.html?pagewanted=all&_r=0) (2013)